

CONTEMPLANDO O ÍNTIMO COM OTOKO UENO EM  
*BELEZA E TRISTEZA*

CONTEMPLATING THE INNER SELF WITH OTOKO UENO IN  
*BEAUTY AND SADNESS*

Yara Nogueira dos Anjos Carrilho Siqueira<sup>12</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho refere-se à obra *Beleza e Tristeza*, de Yasunari Kawabata, no tocante à contemplação por meio de uma das personagens principais, Otoko Ueno. Revisamos o estilo de escrita do autor, estudioso e promotor da cultura japonesa clássica, que inclui elementos da estética clássica na obra e que se relacionam à personagem analisada. Encontramos nas divisões seguintes questões como o íntimo de Otoko que se estende às outras personagens, tornando-a fragmentada e dando uma impressão de falta de profundidade, e como isso transforma a imagem dos outros em uma reflexão da mesma. Esse reflexo, por ela contemplado, acaba também por ser rotulado como narcisismo pelo próprio autor dentro do romance.

**Palavras-chave:** Yasunari Kawabata; *Beleza e Tristeza*; Contemplação; Íntimo; Otoko Ueno.

**ABSTRACT:** This article was written in reference to *Beauty and Sadness*, by Yasunari Kawabata, concerning the act of contemplation through one of its main characters, Otoko Ueno. We revised the author's writing style, scholar and promoter of classical Japanese culture, which includes the classical aesthetics

---

<sup>12</sup> Graduanda do curso de Letras – Japonês na Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba – Paraná. E-mail: yarancwb@gmail.com.

found in this literary work and correlates to the character we have analyzed. In the following sections we discuss how Otoko's inner self extends into characters she is closely related to, turning her into a fragmented version of herself and gives the impression of a lack of depth, the image of others turning into a reflection of herself as a result. This reflection, as contemplated by her, is identified as narcissism by the author himself in the book.

**Keywords:** Yasunari Kawabata; *Beauty and Sadness*; Contemplation; Inner self; Otoko Ueno.

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 O ESTILO DO AUTOR

Yasunari Kawabata nasceu em 1899 em Ôsaka, Japão. Estudou literatura na Universidade Imperial de Tóquio e teve como foco de seus estudos a Era Clássica japonesa, cuja estética viria incorporar em suas obras.

Encontramos na estética clássica japonesa termos que buscavam descrever sentimentos vagos e alheios à cultura ocidental, a exemplo de *mono no aware*. O termo carrega o sentimento de “sensibilidade para com as coisas”, de caráter individual, geralmente acompanhado de uma melancolia peculiar. (SHIRANE, 1987).

A *mono no aware* acompanha e se faz igualmente fundamental a contemplação das coisas, aspecto que dá o norte de obras como *Beleza e Tristeza*, em que uma conclusão para a história não carrega importância alguma para o

que Kawabata deseja nos apresentar – a beleza da obra está em seus momentos, em seus detalhes (Informação verbal)<sup>13</sup>.

Pode-se, ainda, relacionar a obra analisada com o termo a partir de suas denominações em *kanji*<sup>14</sup>. O *kanji* para “tristeza” no título original da obra, 哀しみ *kanashimi*, é o mesmo que o utilizado em *aware* 哀れ.

## 1.2 SOBRE A PERSONAGEM ANALISADA

Otoko Ueno é uma das principais na obra *Beleza e Tristeza*, não apenas por estar presente e atuar em muitas das cenas, como também por ter sua presença marcada por intermédio da fala ou dos pensamentos de outras personagens. Seu nome nos é introduzido por sua ligação com Toshio Oki, outra personagem principal, já nas primeiras páginas da obra. Porém, não é revelada de imediato a relação entre Oki e a própria Otoko; mais especificamente, a relação que possuíam.

Tratando-se de uma obra e de personagens japonesas, o nome de Otoko é originalmente escrito com *kanji*. São dois para o sobrenome e dois para o nome, nesta ordem: 上野音子, *ueno otoko*. Os dois *kanji* usados em seu sobrenome são os mesmos que os de Ueno, denominação de um distrito de Tóquio; já em seu nome, temos *oto* 音, significando *som*, e *ko* 子, *criança*.

---

<sup>13</sup> ISOTANI, Mina. **Teoria da Literatura em Japonês**. Curitiba, 2017. Informação verbal.

<sup>14</sup> Caracteres chineses integrados e adaptados à escrita japonesa.

No distrito de Ueno está localizado o famoso parque público de mesmo nome, este que abriga, entre outros, o Templo Tōeizan Kan'eiji<sup>15</sup> e o Museu Nacional de Tóquio<sup>16</sup>. Como propriedade pública e lar de museus, podemos associar o parque à própria personagem – cuja história é perpetuada através da obra *Uma garota de dezesseis anos*. A obra é escrita por Oki e descreve o seu caso amoroso com a jovem Otoko, apesar de já ser um homem muito mais velho e casado. A obra torna essa memória uma propriedade pública de forma similar que o parque e, mais especificamente, um museu tornam públicos vários pedaços de história.

Aliado a essa questão, temos *oto*, ou som, que após ser produzido inicialmente por sua fonte e reverberar até um ponto que não podemos controlar, ao menos não em uma primeira instância, sem planejamento. E em Otoko essa história reverbera quase incessantemente; é ao mesmo tempo aquela que proporcionou a existência da história e seu resultado.

A história de amor entre a adolescente e o homem casado foi tão permeada de amor quanto de dor. A jovem engravidou e perdeu a criança, enquanto Oki já tinha um filho com sua esposa, pouco depois que Otoko perdeu sua criança nascida prematuramente, Oki e sua esposa tiveram uma filha, fato que também serviu para aumentar sua dor. Pouco depois de perder seu bebê, acabou por ser internada em um manicômio, mais devido à dor excruciante em

---

<sup>15</sup> JAPÃO. Tokyo Convention & Visitors Bureau. Ueno Park . Disponível em: <<https://www.gotokyo.org/en/kanko/taito/spot/40031.html>>. Acesso em: 23/06/2017.

<sup>16</sup> JAPÃO. Tokyo Convention & Visitors Bureau. Tokyo National Museum. Disponível em: <<https://www.gotokyo.org/en/kanko/taito/spot/40346.html>>. Acesso em: 23/06/2017.

sua alma do que a uma doença propriamente dita. O som dessa criança perdida e a qual nunca viu ou ouviu também se manteria presente no resto de sua vida.

Como para se afastar dessa realidade, Otoko e sua mãe se mudam para Quioto. Porém, assim como Quioto se mantém como um símbolo do passado do país, o mesmo ocorre com Otoko; inclusive, não apenas o Japão tradicional permeia sua vida, como o seu passado particular.

Em Quioto que a personagem estuda pintura e mais tarde tem sua arte reconhecida. Após uma exposição em Tóquio, uma jovem chamada Keiko fica encantada por sua arte e procura a pintora, então se tornando sua aprendiz – e pouco depois, sua amante.

### 1.3 OBJETIVO E JUSTIFICATIVA

Buscaremos identificar passagens da obra que possam indicar ou confirmar a tendência à contemplação em Otoko, como também apontar que elementos norteiam e cercam essa questão, marcando a personagem como detentora de uma alma tipicamente japonesa sob os moldes do pensamento valorizado no Japão clássico, esse em que se especializava Yasunari Kawabata.

## 2 A CONTEMPLAÇÃO DE SI

### 2.1 A FRAGMENTAÇÃO DO ÍNTIMO

No início do capítulo *Ardores de Verão*, nos deparamos com uma analogia que compara Otoko e sua mãe a espelhos, espelhos que refletem não somente suas imagens recíprocas como a Oki (KAWABATA, 1988, p. 140). Essa analogia é apenas um dos indícios que faz conexão com a sensação de falta de profundidade que Otoko admite possuir durante um de seus devaneios, ou melhor, o autor admite por ela. Na cena em que surge o termo “falta de profundidade”, ele está precisamente interligado à imagem que Otoko carrega de sua mãe.

Otoko não fizera esse retrato enquanto sua mãe estava viva. Depois de sua morte, ela se inspirara em uma de suas fotografias. Mas pintara sua mãe ainda mais bela e mais jovem do que na própria foto. Sabendo o quanto se parecia com sua mãe, aconteceu-lhe de, ao pintar, observar o próprio rosto no espelho. Portanto, não era surpreendente que uma certa suavidade emanasse desse retrato; mas, ao mesmo tempo, não era possível detectar nele uma ausência de alma e de profundidade? (KAWABATA, 1998, p. 153).

À medida que enxerga a mãe como uma extensão da própria existência, o retrato dela pode ser admitido como um autorretrato. “A doçura e a tristeza indulgente que se manifestavam no retrato que Otoko fizera de sua mãe não teriam deixado de se manifestar também num eventual auto-retrato de Otoko” (KAWABATA, 1998, p. 146). Porém, o eco que Otoko produz é constatado não nas fotografias da mãe, mas no quadro da artista. Ainda que ela estenda seu ser a

entes mais próximos, não tratamos aqui de alguém cuja noção de realidade é distorcida; a fragmentação é de cunho mais íntimo.

Assim, Otoko não tinha ideia alguma do rosto e da silhueta que tivera seu bebê. Ela simplesmente fazia uma certa imagem dele em seu coração. Ela sabia muito bem que não seria o rosto de sua filhinha morta que ela pintaria em A ascensão de uma criança e ela não pretendia, de qualquer modo, fazer uma obra realista. “Desejava tão-somente expressar nessa pintura sua dor e sua aflição por ter perdido a criança” (KAWABATA, 1998, p. 144).

A arte não intervém diretamente nos fatos e vice-versa; mas através dela podem se manifestar os sentimentos da artista, seu mundo interior. É em seu íntimo que a artista dá cor à sua realidade e eventualmente passa esses fragmentos de si à tela, de forma similar à maneira que ela colore suas recordações. O modo com o qual a personagem encara sua existência e pincela seu âmago são moldados pelas lembranças daqueles que nela vivem e essas lembranças são moldadas pelos seus sentimentos, reciprocamente. A existência das outras personagens como entidades soberanas aqui é irrelevante.

A morte a havia separado de sua filha e de sua mãe, a vida a havia separado definitivamente de Oki; no entanto, ainda hoje, os três viviam dentro dela. Mas, na verdade, era ela que vivia e, com isso, dava-lhes vida. A imagem que guardava de Oki não era algo estagnado, mas fluía no mesmo ritmo de sua vida. Hoje, o amor que Otoko tinha por si mesma conferia às suas recordações uma coloração diversa e as transformava (KAWABATA, 1998, p. 147).

Por não se tratar de um ente único, mas fragmentado pela imagem refletida daqueles que amou ou ama, é que se gera essa impressão de falta de profundidade em Otoko.

## 2.2 AMOR-PRÓPRIO

Ao contrário do que se poderia imaginar, o amor que Otoko sente pelas outras personagens é distinto de um amor sujeito ao desejo – a começar pelo fato de que constantemente relaciona seu amor às recordações, esfera não física. O substantivo "desejo" faz alusão, muitas vezes, ao plano físico. Entretanto, mesmo se omitirmos a acepção física da palavra, ainda nos resta o desejo como um anseio, um objetivo que se quer alcançar; o que também não se aplica ao amor referido na obra.

Ninguém perceberia sua tristeza se não houvesse, nos momentos em que ela pensava em Oki, tamanha melancolia em seus olhos. Mas essa sombra de melancolia que se entrevia em seu olhar, e que **não era sequer o desejo de ser amada**, fazia com que parecesse ainda mais bela aos olhos dos outros. (KAWABATA, 1998, p. 142, grifo nosso)

Com a ausência de um ponto de chegada para esse amor, resta a contemplação dos sentimentos que afloram em Otoko. Tal qual na estilística de Kawabata, não se quer dar um fechamento à história, pois seu prazer deriva da apreciação dos pequenos momentos que o amor permite.

Esse desfrute não se limita aos momentos bons que guarda em sua memória. Muitas vezes são citados retratos de Kobo Daishi criança, figura de uma lenda budista, e os quais pretende usar de base para o quadro que representaria seu bebê morto. Ao passo que correlaciona esses retratos à criança perdida, parte integrante de suas lembranças, correlaciona-os também à dor. “A própria doçura desses retratos não fazia senão aumentar sua dor” (KAWABATA, 1998, p. 147).

Vimos também que a melancolia e a dor são associadas a sentimentos bons e não podem ser desprezadas. Mas o prazer dessa dor não deve ser confundida como masoquismo, uma vez que falamos da contemplação das lembranças – sendo necessário apreciar tanto os momentos bons quanto os ruins, captando a beleza existente até mesmo na tristeza.

Sem dúvida era normal que uma mulher, separada de seu amante aos dezessete anos e tendo vivido até o momento sem amar outro homem e sem se desposar, encontrasse **prazer nas tristes recordações do amor perdido** e que esse próprio prazer acabasse por se revestir certo narcisismo (KAWABATA, 1998, p. 147, grifo nosso).

O narcisismo, portanto, incorpora a contemplação de si e o prazer que desta se deriva. Por viver é que permite que seu amor se perpetue, este que por sua vez constitui uma parte de si ao mesmo tempo que se faz objeto de apreciação; sendo possível encontrar assim seu caráter narcisista.

### 3. PALAVRAS FINIDAS

Nossa tentativa de relacionar a obra *Beleza e Tristeza* com a contemplação da vida e elementos relacionados, em especial à personagem Otoko Ueno. Descobrimos uma relação em particular que Otoko possuía com aqueles que ama, mas não estão fisicamente presentes em sua vida. Porém, essa presença física deles é dispensável, pois a imagem deles que mantém em seu íntimo que é objeto de sua estima. Essa imagem é moldada pelos sentimentos da personagem, que a trata como uma reflexão de si mesma. Traduzida por meio de recordações, Otoko contempla até mesmo a dor e a tristeza resultantes de suas lembranças, resultados de um passado tão cheio de amor quanto doloroso. E nesse momento, percebe-se um certo narcisismo por parte dela, por admirar e sentir prazer nas reflexões do seu ser. Portanto, confirmaram-se as associações que acreditávamos serem possíveis com a questão da contemplação.

### REFERÊNCIAS

EDITORA MELHORAMENTOS LTDA. Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. **Desejo**. 2017. v.2. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=desejo>>. Acesso em: 22/06/2017.

KAWABATA, Yasunari. **Beleza e Tristeza**. Rio de Janeiro: Globo, 1998.

SHIRANE, Haruo. **The Bridge of Dreams: A Poetics of the Tale of Genji**. EUA: Stanford University Press, 1987.

Recebido em: 21 jun. 2019.

Aceito em: 12 jul. 2019.